

① - A questão das identidades é um tema central na Pós Modernidade que, pondo em cheque concepções anteriores, como o sujeito do Iluminismo e o sujeito sociológico, chega à atual concepção de sujeito pós moderno. Deste modo as concepções modernas que partiam do nacionalismo e estabilidade do mundo exterior frente ao seu mundo interior, passal são substituídas pela fragmentação e impermanência da atual concepção.

Para contextualizar esse sujeito em relação à arte brasileira é preciso considerar que resultamos de um forte processo de colonização cultural que se inicia com a implementação do estudo acadêmico no séc XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa e a implementação da Academia Imperial de Belas Artes. Este é o momento que se inicia o ensino de artes em bases europeias que perdurou, deste modo, por mais de seis décadas. Essa base racionalista presente no Clacismo teve consequências de longo de nossa história de arte, desde a desvalorização das contribuições do Barroco brasileiro e sua força estética reconhecida resultante de um precoce processo de hibridização de nossa cultura, tendo em conta a presença de artistas, arquitetos e artesãos negros e mestiços como o Aleijadinho e o Mestre Vitalino.

Além da imposição dos padrões estéticos Neoclássicos e Românticos pelos professores da Mensã Artística Francesa, a academia valorizava o papel do colonizador português responsável por inserir o Brasil no rol das nações "civilizadas". Houve também a romantização do indígena, de forma folclorizada, aumentando o papel de "bom selvagem", enquanto o negro e a escravidão eram totalmente esquecidos.

Esses padrões conservadores foram frontalmente contestados pelo Modernismo brasileiro, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, apesar da presença de importantes mulheres pintoras como Anita Malfatti e Djanczy, as bases do novo Modernismo são análogas ao Modernismo europeu. Os cubistas trouxeram influências africanas para a pintura enquanto Brancusi transpôs elementos tridimensionais da cultura afro para a escultura moderna.

A reinvenção da cultura brasileira e novo culto reconhecimentos pode encontrar lugar no conceito de hibridização de Néstor Cerón e um elemento exemplar da confluência entre essas culturas erudita, popular e massiva. Seriam a presença multifacetada dessas influências, em manifestações populares, onde as máscaras de origem ocidental (grecoromana) encontram-se com as máscaras da ritualística dos povos originários e resultam em representações como no Carnaval de Olinda, a Festa do Divino, em Goiás e as caçetas, na Bahia.

② Duas exposições, atualmente em cartaz no Rio de Janeiro, abordam questões relacionadas a raça-etnia: a primeira, intitulada "ExAfrica" está no CCBB e trata da arte contemporânea africana e, a segunda está no Museu de Arte do Rio de Janeiro e trata dos povos indígenas do novo estado. Os dois trabalhos permitem fazer um panorama entre passado e contemporaneidade sobre este tema.

No longo da história é possível notar a visão desqualificadora da academia em relação às produções ancestrais na nossa arte pré-histórica, preferindo retratar o indígena por um viés romantizado. Essa postura foi ainda mais errada frente às produções do povo negro por sua posição na sociedade brasileira, tendo sua participação nas produções do Banoço brasileiro, no séc. XVIII reconhecida somente bem mais tarde. Estando à margem da sociedade letrada, essas duas raças de nossa cultura traçaram caminhos marginais e, apesar de ausências de reconhecimento oficial, ocupado o papel de objeto (o índio, no caso do Romantismo) ou negro, no caso do Modernismo) mas raramente de sujeito da produção artística erudita.

Gilberto Freyre incluiu, em sua obra "Casa Grande e Senzala", contribuições trazidas pela tradição oral pelos escravos, reproduzindo alguns contos que se tornaram parte inextinguível de nossa cultura. Este antropólogo considerou o negro como um "co-colonizador" [do Brasil] apesar de sua condição de escravo. A ideia de co-ocupação ganha pertinência, considerando a força estética do Banoço brasileiro, análoga a certos aspectos da

produção de alguns países africanos, tanto pelo entalhe em madeira quanto pelas formas angulares resultantes.

Se considerarmos a importância de tridimensionalidade nas obras barrocas desse período, o que nos distingue do Barroco europeu, predominantemente pictórico tendo ponto alto em Rubens e Rembrandt. Nesse sentido, podemos reconhecer nas alegorias escultóricas do Carnaval carioca uma força análoga a essa potência estética que tem origem no séc XVIII.

Deste modo, a relação entre culturas erudita, popular e massiva pode dizer, de certo modo, dessa raiz mestiçagem e sincretista do nosso povo e cultura.

③ As primeiras pesquisas sobre o folclore brasileiro parecem vir a campo no início do século XX, sendo elemento considerado e apropriado pela Modernismo brasileiro. Há, no entanto, algumas distorções em nossa forma de representar as culturas dos povos originários pelos meios de comunicação ao longo da história que serviram para perpetuar a folclorização e, até, a caricaturização dessa raiz de nossa cultura. Um exemplo está exposto na referida exposição no "MAR" onde o cartunista Angelo Agostini apresenta dois índios botocudos - que trazem um planto de dentes de madeira nos lábios - e pergunta como seria o beijo desses indígenas, num claro ditado de fundo discriminatório.

Acredito que, numa perspectiva socio-integrativa, em que o sujeito aprendente ganha voz, contemplando-se, assim, a diversidade do grupo, essas falhas de nossas heranças podem ser minimizadas.

Uma outra perspectiva "inclusiva" incluiu a abordagem de anáguas por um viés fenomenológico, no qual se propõe uma direção do objeto pelo sujeito da função (aluno) para que este assimile, através de forma e da visão, uma qualificação e distinção dos elementos de obra e, daí, possa chegar a outros elementos daquela cultura.

A concepção construtivista é também pertinente para a compreensão da cultura dos povos originários por permitir que elementos de suas culturas possam ser abordados e trazidos a campo em trabalhos de grupo, contemplando a confecção dos objetos e as ritualísticas correspondentes a cada um, abrangendo diferentes capacidades e contribuições distintas.

Por esse ponto de vista alguns objetivos dos PCNs, por exemplo, como: trazer a noção de cidadania; estimular o autoconhecimento; e desenvolver a visão crítica em relação à sociedade podem ser contemplados e valorizados.

O sentido de contraste entre tradição oral e a cultura ocidental letrada pode ser reapaliada, considerando que especialistas sobre os novos meios consideram como um tipo de retorno ao sentido acústico/sonoro/visual presente na internet, por exemplo, como a possibilidade de abordagens narrativas não lineares, nesses mesmos ambientes virtuais.

Os canais que se abrem com os novos meios possibilitam contatos virtuais menos folclóricos, como contatos com nações indígenas na internet, através de vídeos, imagens e até videoconferências.

Nesse sentido, a formação de professores requer por um lado, uma visão crítica em relação aos clichês unidos ao longo da história e uma constante atenção e atualização perante aos possíveis deslumbramentos que nós, sujeitos urbanos, podemos ter no contato com a surpreendente cultura nativa brasileira.

Nesse sentido, as abordagens de cultura dos povos originários deve contemplar essa diversidade que nos constitui, acreditando que cada um de nós, brasileiros envolvidos de alguma forma com a cultura, é responsável pela preservação desse patrimônio para as novas gerações.